

Intervenção em grupo com meninas adolescentes vítimas de violência sexual: da situação-limite ao inédito-viável

Amailson Sandro de Barros¹, Vitória Magalhães Machado², Edlaine Araujo da Silva³

Resumo

A violência sexual contra crianças e adolescentes é um fenômeno histórico e social de consequências psicossociais diversas para as vítimas e seu núcleo familiar. O trabalho de intervenção em situações de violência sexual é, ainda, uma questão que desafia profissionais que atuam com essa demanda. Com o intuito de contribuir para a difusão de práticas interventivas, o presente relato descreve uma experiência de trabalho apoiada teórica e metodologicamente na Psicologia Social Comunitária e na Educação Popular. Trata-se de uma intervenção na modalidade de grupo realizada com adolescentes vítimas de violência sexual, atendidas em uma Delegacia Especializada de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Participaram dos encontros do grupo seis adolescentes com idade entre 14 e 16 anos. O grupo foi sistematizado em dez encontros. Cada encontro teve duração de uma hora e trinta minutos e foi realizado semanalmente. Os resultados indicam trocas de experiências potencialmente libertárias, fortalecimento da rede de apoio social e afetiva das adolescentes, compreensão da dinâmica da violência sexual e de seus efeitos psicossociais.

Palavras-chave

Violência Sexual. Adolescência. Intervenção em Grupo.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná, Brasil; professor da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá, Brasil; membro do Núcleo de Psicologia Comunitária, Educação e Saúde (NUPCES/UFPR). E-mail: amailsonbarros@gmail.com.

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil. E-mail: vitoriammachado18@gmail.com.

³ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil. E-mail: edlaine.araujo09@gmail.com.

Group intervention with adolescent girls victims of sexual violence: from the extreme-situation to the unprecedented-viable

Amailson Sandro de Barros⁴, Vitória Magalhães Machado⁵, Edlaine Araujo da Silva⁶

Abstract

Sexual violence against children and adolescents has been a historical and social phenomenon that causes several psycho-social consequences for the victims and their families. Intervention works in situations of sexual violence still have been an issue that challenges professionals who work with this demand. In order to contribute to the diffusion of interventional practices, the present report describes a theoretical and methodological work experience supported by Community Social Psychology and Popular Education. It is an intervention in the group modality, which was carried out with adolescents who were victims of sexual violence and assisted by a Specialized Police Department which deals with the Defense of the Rights of Children and Adolescents. Six adolescents aged between 14 and 16 years attended the group's meetings. The group was organized in ten meetings. Each meeting lasted one hour and thirty minutes and they were held weekly. The results presented exchanges of potentially libertarian experiences, strengthening the social and affective support network for adolescents, understanding of sexual violence and its psycho-social effects.

Keywords

Sexual Violence. Adolescence. Group intervention.

⁴ PhD in Education, Federal University of Paraná, State of Paraná, Brazil; professor at the Federal University of Mato Grosso, Campus Cuiabá, State of Mato Grosso, Brazil; member of the Center for Community Psychology, Education and Health (NUPCES/UFPR). E-mail: amailsonbarros@gmail.com.

⁵ Graduated in Psychology, Federal University of Mato Grosso, State of Mato Grosso, Brazil. E-mail: vitoriammachado18@gmail.com.

⁶ Graduated in Psychology, Federal University of Mato Grosso, State of Mato Grosso, Brazil. E-mail: edlaine.araujo09@gmail.com.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma intervenção psicossocial e educativa (BARROS; FREITAS, 2016) orientada pelos referenciais teóricos da Psicologia Social Comunitária (FREITAS, 2014; 2015; MARTÍN-BARÓ, 1989/2008) e da Educação Popular freireana (FREIRE, 2014) a partir do trabalho em grupo com meninas adolescentes vítimas de violência sexual. A referida intervenção fez parte das atividades de estágio específico obrigatório do curso de Psicologia de uma universidade localizada na região centro-oeste do Brasil. Inserido na ênfase “Intervenções em processos socioeducativos”, o estágio ocorreu durante o ano letivo de 2019, junto à equipe psicossocial da Delegacia Especializada de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (DEDDICA). Vale destacar, que o trabalho realizado com as adolescentes não se configurou em serviço substitutivo aos atendimentos psicossociais destinados às vítimas de violência e suas famílias que são de responsabilidade das políticas públicas de saúde e de assistência social.

Não visando cunho terapêutico, apostamos no trabalho grupal considerando sua dimensão promotora de processos de conscientização e de educação libertadora (FREIRE, 2008). O foco foi o de oferecer um espaço de acolhimento e escuta às adolescentes e aos seus cuidadores não abusivos, que receberam também atendimento na modalidade de grupo realizado separadamente do grupo das adolescentes. Na ocasião, o trabalho grupal com os cuidadores foi denominado pelos próprios participantes como grupo de pais. Os trabalhos desenvolvidos como os dois grupos foram mediados por duas duplas de estagiárias. Uma dupla ficou responsável pelo grupo das adolescentes e a outra pelo grupo de pais. Devido aos limites textuais e ao objetivo deste relato de experiência, o trabalho realizado com os pais não será sistematizado neste artigo.

O trabalho com as adolescentes assentou-se na ideia de potencializar a manifestação de inéditos-viáveis (FREIRE, 2013), compreendidos como ações possíveis e projetos alternativos (FREITAS, 2005) que, construídos coletivamente, podem se opor à visão fatalista e conformista da realidade (MARTÍN-BARÓ, 1987) e das condições psicossociais das participantes do grupo. Para isso, cuidamos para que o processo grupal fosse marcado por momentos dialógico-reflexivos que contribuíssem para a compreensão de que a realidade pode ser transformada. Apostando, assim, na superação de relações opressoras com o propósito emancipatório (FREIRE, 2008; 2013; MARTÍN-BARÓ, 1987).

Seguindo as trilhas da Psicologia Social Comunitária e da Educação Popular, os encontros foram pensados e organizados de maneira que possibilitassem o diálogo problematizador e crítico das situações-limite (FREIRE, 2013) percebidas e destacadas pelas adolescentes e que fossem causadoras de sofrimentos, de opressão e de incômodo. Nesse processo, o entendimento das situações-limite buscou desvelar as determinações sócio-históricas que as condicionavam.

Para a realização dessa intervenção, a violência foi tomada como uma situação-limite que objetifica o ser humano, (re) produz a opressão e o fere na ontológica e histórica possibilidade de ser mais (FREIRE, 2013). Consideramos ainda que “qualquer tipo de expressão de violência entre os sujeitos não pode ser concebida como questão individual, nem com vistas à sua explicação e nem com vistas à sua solução” (MOREIRA; GUZZO, 2017, p. 3). Além disso, adotamos a compreensão de que em todo ato de violência é possível distinguir sua estrutura formal, seu caráter pessoal, seu contexto possibilitador e seu fundo ideológico (MARTÍN-BARÓ, 1990/2012).

Para Martín-Baró (1990/2012), a estrutura formal da violência liga-se ao seu caráter instrumental e a sua utilização para atingir determinado fim. Em seu caráter pessoal, a violência pode ser explicada a partir dos aspectos mais singulares da pessoa ou do grupo de pessoas que dela faz uso. Entretanto, conforme destaca o autor, isso não significa patologizar a questão da violência, mas, sim, considerar a responsabilidade pessoal de quem a praticou e com quais intenções.

O contexto possibilitador refere-se ao conjunto das mediações históricas e sociais e ao contexto imediato da vida cotidiana que colaboram para a manifestação e aceitação da violência ou não. Em seu fundo ideológico, os atos de violência aparecem justificados por um conjunto de valores e de racionalizações que buscam legitimá-los (MARTÍN-BARÓ, 1990/2012).

No tocante à violência sexual contra crianças e adolescentes, consideramos o entendimento de que ela é um fenômeno social e de saúde pública que envolve situações de violação de direitos, relações de poder, de força, de gênero e de sexualidade (MINAYO, 2006). Tal violência materializa-se em qualquer ato ou jogo sexual – heterossexual ou homossexual – com ou sem penetração, em que a pessoa autora dessa violência está em um estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado do que a criança ou adolescente (BRASIL, 2002).

Destacamos que esse trabalho não se configura como um modelo que possa ser replicado, pois as atividades de intervenção ocorreram com foco nas situações-limite desse grupo específico de adolescentes.

Metodologia

O procedimento técnico-operativo adotado para a realização do trabalho com as adolescentes seguiu as premissas de Paulo Freire (2013), de que os encontros devem ser organizados a partir de temas-geradores relacionados ao cotidiano das participantes do grupo. Afonso (2006) destaca que cada tema-gerador pode ser trabalhado em um encontro ou em vários encontros, dependendo do movimento e interesse do grupo.

Cada encontro foi estruturado em três momentos específicos (AFONSO, 2006; BARROS; FREITAS, 2016): 1. Aquecimento ou relaxamento, que consistia na realização de atividades que exigiam expressão corporal das participantes, utilizando-se de alongamentos, massagens, danças e brincadeiras; 2. Introdução ao tema do encontro e posterior discussão. Nesse momento, realizávamos uma atividade individual ou coletiva, obrigatoriamente, relacionada ao tema do encontro. Após, as participantes iniciavam a discussão e a reflexão sobre a atividade, apresentando o(s) resultado(s) obtido(s) e suas considerações a respeito do tema; 3. Sistematização reflexiva das discussões, avaliação das reflexões e encaminhamentos para o próximo encontro.

Os encontros ocorreram em uma sala de atendimento do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) vinculado à Universidade. A escolha pela realização do grupo nas dependências do SPA ocorreu pelo fato de a DEDDICA não possuir estrutura física adequada para o desenvolvimento de práticas de intervenção na modalidade de grupo.

A intervenção foi composta por dez encontros. Cada encontro foi realizado semanalmente, às sextas-feiras, no período da manhã, com duração de uma hora e trinta minutos. A participação das adolescentes não foi obrigatória e não esteve atrelada às prerrogativas de processos e decisões judiciais.

Com o objetivo de favorecer o diálogo sobre os temas-geradores, foram aplicadas atividades dinâmicas durante os encontros. Para a elaboração e aplicação das atividades dinâmicas foram consideradas as potencialidades dessas em: introduzir o tema do encontro de maneira criativa e descontraída; fortalecer o processo de vinculação entre as participantes; sensibilizar o grupo para compartilhar suas afetações e conhecimentos sobre o tema; produzir

reflexões e não ditar ou definir conhecimentos e valores; e contribuir para desmistificar questões da vida cotidiana das participantes do grupo.

Seleção das participantes do grupo

A escolha pelas participantes ocorreu após levantamento de dados sobre casos de violência sexual contra meninas adolescentes atendidos na DEDDICA, no período de janeiro a julho de 2019. Foram consideradas adolescentes, meninas na faixa etária entre 12 e 18 anos, conforme estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Os dados coletados indicaram que, nesse período, na delegacia, foram atendidas 39 meninas adolescentes. Para inclusão das participantes no grupo foram adotados os seguintes critérios: adolescente já ter recebido atendimento da equipe técnica psicossocial da delegacia, presença de violência sexual intrafamiliar ou extrafamiliar, adolescente residir com a família, idade, aceite de participação da adolescente e autorização da família. Adolescentes em situação de acolhimento institucional não foram incluídas, por entendermos que as particularidades desse público necessitariam de uma proposta de trabalho oficializada entre a Universidade e as Instituições de Acolhimento, que o tempo acadêmico, destinado ao estágio curricular, não daria conta de alcançar naquele momento.

Para a formação do grupo, as estagiárias de psicologia seguiram dois caminhos: a) convidaram pessoalmente as adolescentes após o atendimento presencial realizado pela equipe psicossocial da DEDDICA; b) por contato telefônico. Nos dois casos, as estagiárias apresentaram a proposta do grupo às adolescentes e aos cuidadores.

Das 39 meninas, apenas seis, com idade de 14 a 16 anos, participaram efetivamente de todos os encontros do grupo. A não adesão ao atendimento na modalidade de grupo por um número significativo de meninas ocorreu por três razões identificadas nas respostas ao convite e durante o processo grupal (LANE, 2004): a) frequentar a escola no mesmo horário em que o grupo foi ofertado, b) não aceite de participação pela adolescente; c) não comparecimento a nenhum encontro, mesmo demonstrando interesse na participação e sendo convidadas por três semanas consecutivas, via contato telefônico realizado por uma das estagiárias.

Sobre as adolescentes participantes do grupo

As seis adolescentes que participaram dos encontros do grupo passaram por pelo menos uma situação de violência sexual intrafamiliar ou extrafamiliar. Todas as adolescentes estavam matriculadas e frequentavam a escola. Nenhuma adolescente apresentava qualquer tipo de diagnóstico ou sintoma grave de ordem psiquiátrica.

A violência sexual perpetrada contra as adolescentes foi praticada por pessoas do sexo masculino. Entre os autores dessa violência constaram figuras familiares (tio, avó, padrasto) e o ex-namorado (20 anos de idade) de uma das adolescentes. Todas as adolescentes estavam sob os cuidados da família e não tinham contato com os autores da violência sexual.

Para garantir o sigilo e o anonimato das participantes, adotamos neste relato a identificação das adolescentes pela letra “A” seguida de ordem numérica. Assim, o grupo foi formado por A1 (14 anos de idade), A2 (14 anos de idade), A3 (15 anos de idade), A4 (15 anos de idade), A5 (14 anos de idade) e A6 (16 anos de idade).

Descrição dos encontros

Primeiro encontro

Participaram do primeiro encontro cinco adolescentes (A1, A2, A3, A4 e A6). Após as boas-vindas dadas a elas, o encontro iniciou com uma atividade de apresentação pessoal para que todas se conhecessem. As adolescentes se sentaram em cadeiras dispostas em círculo e realizaram suas apresentações, tendo como mote a história de seus nomes. Para realizar essa atividade, as participantes contaram umas às outras o que sabiam sobre seus nomes. Seu significado, quem o escolheu, o motivo da escolha e outras informações relevantes para elas em relação ao nome.

Foi possível perceber que, nesse primeiro momento do encontro, as meninas estavam aparentemente desconfortáveis na presença uma das outras. Realizaram a atividade rapidamente, informando apenas que seus nomes tinham sido escolhidos pelos pais. Após, foi apresentado o objetivo geral do grupo que era o de possibilitar um processo dialógico-reflexivo que contribuísse coletivamente para a compreensão do fenômeno da violência vivenciada por elas. Foi explicado às participantes o funcionamento do trabalho grupal e

realizado o contrato de sigilo das informações. Na sequência, foi construído um calendário com as datas dos encontros do grupo.

Durante a construção do calendário, elas começaram a dialogar incentivadas por perguntas realizadas por uma das duas estagiárias mediadoras do grupo. As perguntas giraram em torno de estilos musicais preferidos, acompanhamento psicológico, cotidiano escolar, vida comunitária e familiar. Foi possível, a partir desse diálogo, obtermos informações sobre as interações familiares e comunitárias das participantes, além de discutirmos a questão da revitimização no processo de revelação do abuso, pois, as adolescentes verbalizaram situações em que tiveram de relatar seguidamente para vários profissionais o que havia acontecido com elas. Destacaram que, na maioria das vezes, esses profissionais eram homens. Para algumas delas, relatar a violência sexual sofrida a um profissional do sexo masculino foi desconfortável. Outras disseram que o desconforto foi sentido apenas nos primeiros minutos de seus atendimentos.

As adolescentes conversaram sobre questões relacionadas à dinâmica familiar e à relação filio-parental. Destacaram situações de conflito geracional e de dificuldade de diálogo com os pais. Após a sistematização reflexiva e avaliação do encontro, as adolescentes estabeleceram que o tema para o próximo encontro do grupo seria “família”. Foi acordado entre elas que, para o segundo encontro, realizaríamos também um piquenique comunitário. Para tanto, todas as participantes (estagiárias e adolescentes) trariam algum tipo de comida e bebida sem álcool para compartilhar.

Segundo encontro

Conforme encaminhamento, o segundo encontro foi realizado a partir de um piquenique que aconteceu em um bosque próximo ao SPA. Pudemos perceber que as adolescentes estavam mais próximas umas das outras, pois à medida que chegavam para o encontro, recebiam as boas-vindas das colegas e eram inseridas na conversa sobre os acontecimentos da semana.

Como aquecimento para o encontro, cada participante recebeu um pedaço de papel, no qual escreveu uma característica pessoal de outra participante que mais lhe chamou atenção no primeiro encontro. Depois, os papéis foram inseridos em uma urna. Na sequência, a urna passou de mão em mão. Cada participante tirou um papel de dentro da urna e leu em voz alta

a característica escrita. A partir daí, dizia ao grupo a quem a característica pertencia. Esse momento descontraíu as participantes.

Na continuidade do encontro, e considerando o contexto em que ele ocorreu (a partir de um piquenique) e o tema-gerador família, foi realizada a seguinte atividade: propositalmente, as mediadoras levaram para o piquenique uma salada de frutas. A partir dessa salada, foram apresentadas, lado a lado, as frutas que a compunham. Coube às adolescentes identificarem cada fruta a algum de seus familiares, considerando aproximações das características da fruta com as dos familiares.

O abacaxi, por exemplo, foi comparado pelas adolescentes com pessoas da família que, na opinião delas, demonstravam dificuldades e rigidez na expressão de afetos. Os familiares comparados com o abacaxi foram a mãe e os avós. Banana, maçã e mamão foram outras frutas que compuseram a salada, e foram comparadas com o pai, os avós, as irmãs, os irmãos e os primos.

Durante a atividade, as adolescentes verbalizaram dificuldades de relacionamento com as mães. O uso abusivo de álcool por parte dos pais foi trazido por duas adolescentes. O que possibilitou a discussão sobre os fatores de risco presentes nas famílias das adolescentes.

A atividade possibilitou explorar os vínculos afetivos com os demais familiares que deram e que dão o apoio social e o suporte emocional às adolescentes, antes e depois da revelação do abuso sexual. As adolescentes conversaram sobre seus sentimentos em relação às pessoas significativas para elas como avós, tias, padrasto, mãe, pai, amigas e amigos. No momento da sistematização reflexiva, as adolescentes abordaram diferenças no processo de constituição da identidade feminina e masculina, relacionando questões de sexualidade, de afetividade e de gênero. Sexualidade e gênero foram os temas escolhidos para o terceiro encontro.

Terceiro encontro

O terceiro encontro iniciou com uma atividade de dança. Para realizar essa atividade foi utilizado um rádio e disponibilizados no centro da sala vários adereços que remetiam a diversos estilos musicais. Antes de iniciar a atividade, foi realizado um alongamento corporal e explicado às adolescentes como a atividade da dança funcionaria. As participantes performaram várias danças de acordo com o estilo de música que era tocado no rádio. Para isso, fizeram uso dos adereços. Após essa atividade, as adolescentes sentaram-se em círculo

para realizar uma conversa sobre qual o estilo de música que mais representava o momento atual da vida delas. As adolescentes concluíram que os estilos representativos eram a Música Popular Brasileira e o Sertanejo Universitário. De acordo com as participantes, esses estilos musicais representavam um momento mais tranquilo e alegre na vida delas.

Discutimos como a atividade realizada proporcionou a elas a exploração de ritmos diferentes, exigindo de seus corpos várias *performances*. A partir daí, as adolescentes trouxeram histórias de como foi o desenvolvimento corporal delas, a passagem da infância para a adolescência, a primeira menstruação e as dúvidas em relação à sexualidade. Apenas uma adolescente relatou ter facilidade de dialogar com a mãe questões relacionadas à mudança corporal e a sexualidade. Foi explorado, no diálogo com o grupo, que a sexualidade abrange processos simbólicos, culturais, históricos e sociais que ultrapassam a determinação biológica.

As adolescentes falaram sobre seus medos em relação a futuros abusos, ao mesmo tempo em que questionaram o papel social da mulher e as desigualdades de gênero na sociedade capitalista. Como encaminhamento de discussão para o próximo encontro, uma adolescente propôs a o tema Violência Sexual. O que foi acordado por todas.

Quarto encontro

Após as boas-vindas às participantes e o breve relato dos fatos vividos durante a semana, foi realizada a atividade de relaxamento. Para isso, foi aplicada a técnica de automassagem.

Na sequência, o tema do encontro foi apresentado a partir da atividade de preenchimento de um cartaz disponível no meio da sala. No centro do cartaz, estava escrito o tema do encontro: violência sexual. As participantes receberam canetas e foram incentivadas a escrever no cartaz os conteúdos que elas sentiam e pensavam diante do tema. Algumas participantes demonstraram emoção ao realizar a atividade. Os conteúdos que surgiram foram: medo, culpa, raiva, ódio, tristeza, ansiedade, angústia, magoa, terror, trauma, insegurança e invasão (referindo-se ao corpo e a questões psicológicas). Tais conteúdos corroboram achados da literatura científica sobre violência sexual contra crianças e adolescentes (MARRA, 2016; BARROS; FREITAS, 2015; HOFFMEISTER, 2013; SANDERSON, 2008).

A partir dessa atividade, uma das meninas relatou o episódio de seu abuso sexual e como aqueles conteúdos expressos no cartaz eram presentes em sua vida. As adolescentes compartilharam a violência sexual sofrida e as mediadoras acolheram os relatos, de forma a garantir compreensão, apoio e segurança ao grupo. Foram destacados os pontos comuns da dinâmica do abuso sexual nas falas das adolescentes, seus impactos na saúde mental e as possibilidades de enfrentamento e de superação desse tipo de violência. O encontro encerrou com o encaminhamento de aprofundar as discussões e reflexões sobre o tema ali trabalhado.

Quinto encontro

O encontro iniciou com uma sessão de alongamento corporal como atividade de aquecimento. Depois, as meninas foram convidadas a montar um quebra-cabeça com a imagem da flor da campanha nacional “Faça Bonito”, referente ao dia 18 de maio – Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescente. No verso de cada peça do quebra-cabeça continha uma afirmação sobre violência sexual e que poderia ser considerada mito ou verdade. Cada adolescente escolhia uma peça do quebra-cabeça e antes de inseri-la na montagem, lia o conteúdo do verso e discutia com o grupo se a afirmativa era mito ou verdade. Para a realização dessa atividade, foi consultada a obra de Sanderson (2008), na qual a autora aborda diversas questões relacionadas ao abuso sexual. Durante a atividade, foi possível desmistificar ideias e trabalhar a rede de apoio afetiva e de proteção das adolescentes.

Os temas encaminhados para o próximo encontro foram relacionamentos afetivos e namoro.

Sexto encontro

O encontro iniciou com o acolhimento habitual relatos de fatos marcantes da semana. Todas conversaram muito sobre as questões locais, período de férias escolares e a greve dos professores. As adolescentes demonstraram preocupação com a suspensão do calendário escolar e divergiram politicamente sobre os motivos da greve. Houve exaltação entre elas. Foi necessário lembrá-las que, democraticamente, todas poderiam se manifestar, porém era fundamental o respeito às opiniões divergentes, como forma de contribuir para a qualificação

do debate de ideias. Uma breve análise de conjuntura foi realizada com elas. A atividade ocorreu com todas sentadas no chão e em círculo.

Após, iniciamos a atividade direcionada para a discussão dos temas relacionamentos afetivos e namoro. No meio do círculo, foram colocadas seis caixas pequenas de papelão. Dentro delas, vários recortes de notícias de jornais, revistas, fragmentos de cartas e fotos sobre diversas formas de relacionamento e situações afetivas. Tomamos o cuidado para que os recortes fossem representativos em relação à diversidade das relações afetivas. A partir daí, utilizamos um dado que foi lançado pelas participantes, seguindo a ordem de lançamento da esquerda para a direita. Em cada rodada, o número indicado pelo arremesso do dado correspondia a uma determinada caixa.

Diante do número indicado, a adolescente dirigia-se à caixa correspondente e pegava aleatoriamente um dos recortes de dentro da caixa e discutia com o grupo suas impressões, ideias e posicionamento em relação ao conteúdo informado. A atividade proporcionou discussões e reflexões sobre felicidade, amor, traições, namoro à distância, amizade, relacionamento inter-racial, relacionamento homoafetivo, relacionamento conjugal abusivo, violência no namoro, violência de pais contra filhos e violência de filhos contra pais.

Aproximando-se o final do encontro, o grupo acordou pela continuidade das discussões sobre o tema para o próximo encontro.

Sétimo encontro

Nesse encontro, como combinado, demos seguimento às discussões e reflexões elaboradas no encontro anterior. Como aquecimento foi realizada uma massagem entre as participantes. Esse momento ocorreu da seguinte maneira: uma das participantes deitou-se no chão e foi rodeada pelas outras que se posicionaram na região da cabeça, dos braços, das pernas e dos pés da adolescente deitada no chão. Com as pontas dos dedos das mãos, as participantes massagearam a colega, simulando o cair de uma chuva sobre ela. Após dois minutos sendo massageada, foi realizado o rodízio entre as participantes, de modo que todas pudessem receber massagem.

A partir dessa atividade, foi discutida a questão da confiança e do respeito ao corpo da outra e das sensações despertadas pelos toques. Essa atividade possibilitou o *link* para a continuidade das discussões do encontro anterior. Novamente as caixas foram disponibilizadas no centro do círculo e o dado passou a ser jogado. As rodadas possibilitaram

discussões e reflexões sobre violência nas relações homoafetivas, relacionamento de filhos com pais separados e o uso de aplicativos de relacionamento. Em relação aos aplicativos, as adolescentes consideraram que os mesmos não são seguros, sendo necessário ter muito cuidado ao usá-los.

Durante as discussões, uma das adolescentes revelou ao grupo sua bissexualidade. As adolescentes também discutiram questões de relacionamento aberto, poliamor e estupro de vulnerável. Mostraram-se preocupadas com futuras relações afetivas e a escolha profissional. Estabeleceram que o tema a ser discutido no próximo encontro seria o futuro.

Oitavo encontro

O encontro iniciou com o acolhimento habitual das participantes. Como atividade de aquecimento foi realizada a brincadeira do Passa Anel. Brincadeira que foi sugerida no final do último encontro, durante o momento de despedida, quando as adolescentes conversavam sobre as brincadeiras de infância e de adolescência de seus pais, e que elas não conheciam. As adolescentes se divertiram com a atividade. Apontaram distanciamentos e aproximações, ao comparar a adolescência delas com a dos pais. Após, o grupo realizou a construção da árvore da vida.

Solicitamos que as adolescentes pensassem e registrassem em tiras de papel como tinha sido o percurso delas no grupo. O que elas pensaram quando propusemos o atendimento grupal e o que sentiram nos primeiros encontros do grupo. Depois, as tiras foram coladas nas raízes de uma árvore desenhada na cartolina.

Na sequência, as adolescentes refletiram sobre como estava sendo o processo grupal para elas e como se sentiam no tempo presente. As tiras então foram coladas no tronco da árvore. Para enfeitar a copa da árvore, as adolescentes escreveram em papéis recortados no formato de frutas o que esperavam do futuro delas, seus planos e seus sonhos.

Terminada a colagem dos frutos, as adolescentes começaram a enfeitar a árvore com cola *glitter* colorida, desenhos de coração e outros adornos. As meninas também escreveram na árvore palavras que foram muito usadas por elas durante os encontros e que se tornaram bordões do grupo para expressar concordância de ideias entre elas como “arrasou” e “babadeira”. Por fim, foi feita a leitura em voz alta de todos os conteúdos da árvore, para que as participantes tomassem conhecimento do processo de cada uma delas no grupo.

Na raiz, a maioria das meninas relatou que não queria participar do grupo. Informaram que vieram para os dois primeiros encontros porque a mãe ou o pai as obrigaram. Relataram que, no primeiro encontro, estavam muito bravas. Os conteúdos do tronco da árvore sinalizaram o processo de aprendizagem e de estabelecimento de vínculos entre as participantes. Disseram que frequentar os encontros do grupo contribuía para que elas se sentissem mais calmas e confiantes e com boa autoestima. Pontuaram melhorias na relação com os pais, desenvolvimento de novas amizades e o compromisso com sua proteção e autovalorização.

Em relação ao futuro, as adolescentes destacaram continuidade nos estudos, cursar o ensino superior, casar, viver relacionamentos saudáveis, compromisso com o rompimento do ciclo da violência contra a mulher e a violência infanto-juvenil. Como encaminhamento, foi sugerido um encontro com a participação das mães e dos pais.

Nono encontro

O encontro iniciou com a realização de exercícios de alongamento corporal, seguido da brincadeira “Cobra-cega de emoções”. Ela se consistiu na seguinte dinâmica: os pais e as mães tiveram os olhos vendados, enquanto suas filhas foram dispostas aleatoriamente na sala. Ao sinal das mediadoras, as adolescentes, imediatamente, começavam a chamar por suas mães ou por seus pais, usando apenas as palavras pai ou mãe. Durante a chamada, variavam a entonação da voz de acordo com os sentimentos que elas quisessem empregar a essas palavras. O objetivo foi fazer com que as mães e os pais, com os olhos vendados, encontrassem suas filhas. Ao julgar ter encontrado a filha, o pai ou a mãe deveria abraçá-la e assim permanecer junto a ela até que o grupo concluísse a tarefa. Cumprida a tarefa, as vendas dos olhos foram retiradas e as mães e os pais puderam verificar se estavam abraçados a própria filha ou não. Foi possível observar que o grupo se divertiu ao realizar a atividade.

No momento de reflexão, as mães e os pais verbalizaram que ouvir e guiar-se pelas vozes das filhas, sem poder vê-las e sem saber exatamente onde elas estavam dentro da sala, despertou sensação de preocupação, mesmo tendo o conhecimento de que as filhas estavam na sala. Concluíram que a atividade exercitou a escuta não apenas das vozes das filhas, mas também das emoções presentes nas entonações das palavras. Foram discutidas questões de proteção e de cuidado parental, bem como as mudanças na relação familiar após revelação da violência sexual e da participação nos encontros dos grupos de pais e de adolescentes.

Décimo encontro

Participaram do encontro, os pais, as mães e as adolescentes. Em um primeiro momento, foi realizado o acolhimento a partir de uma conversa sobre fatos marcantes da família durante a semana. Na sequência, procedemos à avaliação verbal e coletiva do trabalho realizado com as adolescentes.

O diálogo estabelecido buscou abordar os pontos positivos e as fragilidades do processo grupal vivenciado ao longo dos encontros. Foi solicitada uma autoavaliação sobre a participação nos encontros e que destacassem os temas discutidos pelo grupo que, na opinião pessoal, foram mais significativos e relevantes. Estabelecemos uma conversa que resgatou a maneira como cada participante chegou ao grupo e as mudanças percebidas e ocorridas ao longo dos encontros. Fez parte da avaliação, uma reflexão sobre as expectativas em relação ao novo ciclo que se iniciaria com a finalização do grupo.

Depois foi realizada uma festa de encerramento, com brincadeiras, danças, bebidas e alimentos trazidos pelas(os) participantes e compartilhados entre elas(es).

Discussão do processo grupal

Desde o primeiro encontro do grupo, as adolescentes trouxeram em suas falas conteúdos possíveis de serem trabalhados ao longo do processo grupal. O diálogo estabelecido entre as participantes indicou seus sentimentos em ter de relatar a violência vivenciada por elas a diversos profissionais da rede de atenção e de proteção. Ao longo dos encontros, as participantes expuseram seus sentimentos de medo, culpa e raiva em relação à violência sofrida. Destacaram a vergonha que sentiram no momento da revelação e da denúncia, principalmente, nos casos em que foram atendidas por profissionais do sexo masculino:

Senti muita vergonha de falar sobre o que aconteceu com aquele monte de gente lá. (A3)

Senti vergonha de ter de relatar o fato para um homem. Essa situação me deixou constrangida. (A2).

Nos casos de violência sexual, a vergonha é assinalada pela literatura como um sentimento comum às vítimas e seus familiares não abusivos. A vergonha pode influenciar a não revelação da violência sexual e fragilizar o estabelecimento de vínculo com os

profissionais, contribuindo para que as vítimas e/ou os familiares se sentiam mais expostas em prestar informações detalhadas sobre o caso aos profissionais (SANDERSON, 2008; BAÍA; MAGALHÃES; VELOSO, 2014). Nesse sentido, há de se cuidar sempre da sensibilidade profissional para considerar as condições emocionais das vítimas e das famílias no momento da revelação e da denúncia, garantindo-lhes acolhimento integral e respeito ao tempo das vítimas para proceder à revelação.

A identificação das adolescentes com a proposta de intervenção em grupo revelou-se um ponto positivo do trabalho desenvolvido. A aceitação pelo atendimento grupal sugere a apropriação dos objetivos e da funcionalidade do grupo, operando a potencialidade da prática grupal como espaço seguro de acolhimento, de diálogo e de reflexão. O cuidado ético entre as participantes foi verificado em vários momentos do processo grupal, quando se colocavam disponíveis para escutar umas às outras e acolher as manifestações mais emotivas frente a determinadas reflexões.

A gente fica querendo ajudar. Parece que ela tá em perigo. (A4).

É difícil, a gente sabe. E irrita mesmo o fato de as pessoas não acreditarem em você. (A6).

A partir do movimento grupal, verificamos que as participantes passaram a ser apoio afetivo-emocional e social umas para as outras, demonstrando segurança para dialogarem sobre a violência sofrida e outros temas. Observamos também que as adolescentes, por iniciativa própria, criaram um grupo para elas no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*. Como verificado em outras pesquisas, quanto à participação das adolescentes, observamos ganhos do trabalho grupal na formação de rede de apoio, intercâmbio de conhecimento e fortalecimento das relações interpessoais entre as participantes, inclusive para além do espaço grupal (BARROS; FREITAS, 2016; PEREIRA; SAWAIA, 2020).

Cheguei aqui e não confiava em ninguém. Fui aprendendo que posso confiar nas pessoas. (A3).

Eu não conto quase nada para minha mãe. Nem para minhas amigas. Eu não conversava com ninguém, antes daqui. (A5).

Depois que o grupo começou, eu tô querendo mudar minha vida. Tô melhor com meu pai, mais obediente com ele também. (A1).

Gosto de participar dos encontros. Fico mais tranquila e sem pensamentos ruins. (A4).

As adolescentes também puderam refletir sobre a ordem societal machista e patriarcal que envolve o fenômeno da violência sexual contra meninas adolescentes, colocando em evidência questões relacionadas ao gênero e ao lugar social da mulher nessa ordem. Esses aspectos percebidos e destacados pelas participantes apontaram situações que precisam ser superadas na vida cotidiana que, pautada no senso comum, busca dar explicações aos episódios de violência sexual contra crianças e adolescentes do sexo feminino.

Eu uso roupas curtas, mesmo minha família não gostando. Mas isto não quer dizer que posso ser abusada. As roupas não interferem. (A4).

Crianças são pequenas e não entendem. Por isso, o povo tem a visão que as vítimas adolescentes são provocativas. Então esta é a visão do povo. (A5).

Você sabe que isso é crime, né? É estupro de vulnerável, mesmo que sua mãe esteja ciente. (A2).

O papel da mulher é onde ela quiser. Lutando pelos nossos direitos, que já existem. Mas que a gente precisa usar. (A1).

Demonstrando confiança no grupo, conteúdos sobre sexualidade foram apresentados e discutidos pelas adolescentes, especificamente nos encontros de número seis e sete. A partir da reflexão sobre a diversidade das relações afetivas, as participantes externaram seus conhecimentos e dilemas em relação à própria sexualidade.

Eu percebi que muitas vezes meus sentimentos pelas meninas eram diferentes de amizade. Sentia um interesse maior por algumas. Me entendi como bissexual. Conteí para minha mãe e ela entendeu e aceitou. (A2)

Eu não sei o que sou ainda. Eu não sei se sou heterossexual, bissexual, lésbica. (A3)

Acho que sou muito nova para saber afirmar sobre a minha sexualidade. (A4)

Como discutem Domingues *et al.* (2018) e Ferreira; Piazza; Souza (2019), o trabalho grupal com adolescentes ao abordar temas que sejam do efetivo interesse de discussão do grupo, a exemplo da sexualidade, muitas vezes, faz com que o grupo se configure como o primeiro espaço onde se sintam livres e em segurança para expressar suas opiniões, dúvidas e medos, sem que recebam rótulos ou estigmas. Para isso, é fundamental que o processo de mediação seja conduzido de maneira empática, não moralista, não patologizante ou com intuito de psicologizar os conteúdos e as reflexões do grupo.

Corroborando o estudo de Habigzang *et al.* (2006), as adolescentes relataram interesse em continuar com o trabalho grupal, sinalizando para a relação de amizade estabelecida entre elas e a importância de ter o grupo para dialogarem sobre suas necessidades, sentimentos, afetos e aprendizagens.

Eu queria que tivesse mais encontros programados para o nosso grupo. Que não acabasse. Aprendo muito aqui. Eu assisti a um programa de televisão, na semana passada, que disse tudo o que nós falamos aqui. (A2).

Os encontros ajudaram a melhorar o meu relacionamento com familiares e amigos. Bem que o grupo podia continuar por mais tempo. (A6).

A exemplo do estudo desenvolvido por Costa, Penso e Conceição (2014), envolver a presença dos cuidadores (pais, mães, padrastos, avós) nos dois últimos encontros do grupo de adolescentes, mostrou-se uma ação potencial. Aproximar famílias que vivenciam situações de violência sexual e colocá-las para dialogar, em um processo de escuta cuidadosa e reflexiva, pode, pela sua potencialidade, contribuir para o fortalecimento da rede de apoio afetiva familiar das adolescentes e proporcionar possibilidades dialógicas mais amplas que favoreçam o enfrentamento e a superação das situações-limite vividas pela família, após a revelação e a denúncia da violência sexual sofrida.

Algumas considerações e reflexões sobre o trabalho realizado

Consideramos que o trabalho grupal com as adolescentes vítimas de violência sexual foi um processo criativo no exercício de um atendimento psicossocial e educativo comprometido com as questões da vida cotidiana das participantes. Adotar a Psicologia Social Comunitária (FREITAS, 2014) e a Educação Popular (FREIRE, 2013) como balizas teórico-metodológicas para a realização dessa intervenção mostrou-se viável, tanto pela orientação nos procedimentos utilizados como pela mediação dos momentos reflexivos e dialógicos vividos com as adolescentes.

O cuidado em promover a participação das adolescentes na escolha dos temas-geradores foi essencial para que o grupo fosse representativo e atendesse aos interesses coletivos e individuais delas. Com esse cuidado, procuramos o afastamento de modelos ou programas de intervenção acabados, com temas definidos *a priori* e prontos para replicações, independente do movimento grupal e dos reais interesses de seu público-alvo. Nesse esforço, o trabalho com as adolescentes considerou a potencialidade do inédito-viável, a partir de uma

prática grupal reflexiva e dialógica sobre a vida das adolescentes e a aposta no ser-mais (FREIRE, 2013).

Foi possível perceber que o vínculo estabelecido entre as meninas possibilitou diálogos sobre a situação de violência sexual sofrida, de maneira que as discussões trouxeram à baila reflexões sobre relações de gênero e questões de ordem social, econômica e histórica que repercutem na posição social da mulher na comunidade, na família, nas relações afetivas e na vivência de sua sexualidade. As adolescentes demonstram compreensão da dinâmica da violência sexual e seus efeitos psicossociais na vida das vítimas e de suas famílias.

As participantes estabeleceram conversações criativas (MARRA, 2016) que as levaram a repensar o passado, indagar o presente e projetar o futuro. Processo significativo, pois ao dividirem suas histórias puderam contribuir para desfazer mitos, externar sentimentos, expor dilemas e compartilhar soluções para as situações percebidas e destacadas pelo grupo, o que pode ser considerado também um ato terapêutico. Ao pronunciar suas histórias, exercitaram não só a escuta entre elas, mas de si próprias (FREIRE, 2008; MARRA, 2016). Reconheceram-se e construíram momentos reflexivos potentes de ressignificação da violência sofrida. Destacamos que ao longo do processo, as adolescentes verbalizaram melhoras no relacionamento familiar e com colegas de escola, o que sinaliza fortalecimento de suas redes de apoio social e afetiva. No decorrer dos encontros, foi possível perceber que o sentimento de culpa, de vergonha e de medo, pela situação de violência vivenciada, foi sendo superado e compreendido pelas meninas. A participação ativa e a assiduidade das adolescentes nos encontros foram aspectos que avaliamos como indicadores positivos da relevância do trabalho realizado. Não foram registradas desistências entre as participantes.

Esperamos que a experiência relatada possa contribuir para a realização de novas propostas de intervenção e de estudos empíricos com o propósito de aprimorar o trabalho de intervenção em grupo com meninas vítimas de violência sexual.

Referências

AFONSO, M. L. M. Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial. *In*: AFONSO, M. L. M. (org.). **Oficinas em dinâmica de grupo**: um método de intervenção psicossocial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 9-64.

BAÍA, P. A. D.; MAGALHÃES, C. M. C.; VELOSO, M. M. X. Caracterização do suporte materno na descoberta e revelação do abuso sexual infantil. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 691-700, dez. 2014. Doi: 10.9788/TP2014.4-02. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2014000400002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 maio 2020.

BARROS, A. S.; FREITAS, M. F. Q. de. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: consequências e estratégias de prevenção com pais agressores. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 102-114, dez. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2020.

BARROS, A. S.; FREITAS, M. F. Q. de. Grupo psicoeducacional com pais em situação de violência contra filhos: relato de experiência. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v.15, n.2, p. 137-148, 2016. Doi: 10.14393/REP-v15n22016-rel02. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/33748>. Acesso em: 15 maio 2020.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº. 8.069/90, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. **Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde**: um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

COSTA, L. F.; PENSO, M. A.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Grupo multifamiliar: intervenção psicossocial para situações de violência sexual. In: WILLIAMS, L. C. A.; HABIGZANG, L. F. (org.). **Crianças e adolescentes vítimas de violência**: prevenção, avaliação e intervenção. Curitiba: Juruá, 2014. p.125-142.

DOMINGUES, E. *et al.* Oficinas com adolescentes do MST: sexualidade, diversidade sexual e gênero. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 13, n. 3, p. 1-15, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 ago. 2020

FERREIRA, I. G.; PIAZZA, M.; SOUZA, D. Oficina de saúde e sexualidade: residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. **RBMFC**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 1788, 2019. DOI: 10.5712/rbmfc14(41)1788. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1788>. Acesso em 10 ago. 2020.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, A. L. S. Pedagogia do inédito-viável: contribuições de Paulo Freire para fortalecer o potencial emancipatório das relações ensinar-aprender-pesquisar. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE: DESAFIOS À SOCIEDADE MULTICULTURAL, 5., 2005, Recife. **Anais** [...]. Recife: Centro Paulo Freire de Estudos e Pesquisas, 2005.

FREITAS, M. F. Q. Políticas públicas e psicologia social comunitária: interfaces e desafios. *In: DIAS, M. S. L.; BEATRIZ, M. Z. (org.). Práticas do psicólogo em políticas públicas.* Curitiba: Juruá, 2015. p. 29-42.

FREITAS, M. F. Q. de. Psicologia social comunitária como politização da vida cotidiana: desafios à prática em comunidades. *In: STELLA, C. (org.). Psicologia comunitária: contribuições e experiências.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 65-85.

HABIGZANG, L. F. *et al.* Grupoterapia cognitivo-comportamental para meninas vítimas de abuso sexual: descrição de um modelo de intervenção. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v.18, n. 2, p. 163-182, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652006000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 9 ago. 2020.

HOFFMEISTER, M. V. **Entre quatro paredes:** a intervenção profissional do assistente social na tomada de depoimento especial de crianças e adolescentes em situação de abuso sexual. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

LANE, S. T. M. O processo grupal. *In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (org.). Psicologia social: o homem em movimento.* São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 78-98.

MARRA, M. M. **Conversas criativas e abuso sexual:** uma proposta para o atendimento psicossocial. São Paulo: Ágora, 2016.

MARTÍN-BARÓ, I. **Acció y ideología:** psicologia social desde centroamérica. 2. ed. San Salvador: UCA Editores, 1990/2012.

MARTÍN-BARÓ, I. El latino indolente: carácter ideológico del fatalismo latino-americano. *In: MONTERO, M. (org.). Psicología política latinoamericana.* Caracas: Editorial Panapo, 1987. p. 135-162.

MARTÍN-BARÓ, I. **Sistema, grupo y poder:** psicologia social desde centroamérica II. San Salvador: UCA Editores, 1989/2008.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

MOREIRA, A.P.G.; GUZZO, R. S.L. Violência e prevenção na escola: as possibilidades da psicologia da libertação. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 29, e141683, 2017. Doi: 10.1590/1807-0310/2017v29141683. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100206&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2020.

PEREIRA, E. R.; SAWAIA, B. B. **Práticas grupais:** espaço de diálogo e potência. São Carlos: Pedro & João, 2020.

SANDERSON, C. **Abuso sexual em crianças:** fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abusos sexuais e pedofilia. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.

Submetido em 11 de maio de 2020.

Aprovado em 23 de agosto de 2020.